

Grandes bancos dos EUA apóiam acordo com Brasil

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para
O GLOBO

NOVA YORK — “Podem ser poucos bancos mas são muitos dólares”, comentou ontem um banqueiro americano referindo-se à matéria do “Financial Times” revelando que poucos bancos decidiram participar do pacote da dívida externa brasileira. Segundo o banqueiro “os bancos mais céticos são os pequenos mas estes não representam um montante significativo da dívida”.

O principal problema apontado pelo jornal — o não pagamento dos créditos repassados, através da Resolução 63, pelo Comind, Auxiliar e Maisonnave, que foram liquidados no fim do ano passado — também não assusta os banqueiros dos Estados Unidos.

— Até o fim do mês será resolvido o problema do Comind com a liquidação da massa falida. O Comind tem a maior dívida referente à Resolução 63. No princípio tínhamos a impressão de que não receberíamos muita coisa mas pelo visto a liquida-

ção está sendo bem feita e vamos ter uma receita superior à esperada — continuou o credor americano.

Os banqueiros americanos receberam com surpresa a notícia sobre a pequena adesão dos bancos ao pacote de reescalonamento, negociado pelo Diretor do Banco Central para a Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas em Nova York, em fevereiro passado. Apesar do fraco interesse, as linhas comerciais e os créditos interbancários continuam com seus depósitos em dia e os banqueiros estão confiantes em uma solução positiva para o problema da Resolução 63.

— O caso mais difícil parecia ser o do Comind mas atualmente seus re-

presentantes estão negociando com o Bankers Trust e uma comissão de bancos. Por isso, a situação do Comind está mais fácil do que a do Auxiliar. O Maisonnave é tão pequeno que ninguém comenta, a não ser um ou outro banco regional afetado — explicou o credor americano.

Mesmo assim os credores americanos perderão com a liquidação dos três bancos brasileiros e esse tem sido apontado como o principal problema para o restabelecimento da confiança dos banqueiros em relação ao Brasil nos últimos meses. A liquidação dos três bancos e o não pagamento da Operação 63 terão efeitos duradouros para o País no mercado financeiro internacional.

